

CARTA A UM POETA

Maria João Fernandes

Ignoro a ressonância íntima da escrita e escrevo,
como se gravasse sobre a areia um segredo
que deve permanecer oculto sob as águas
e florescer em espuma.

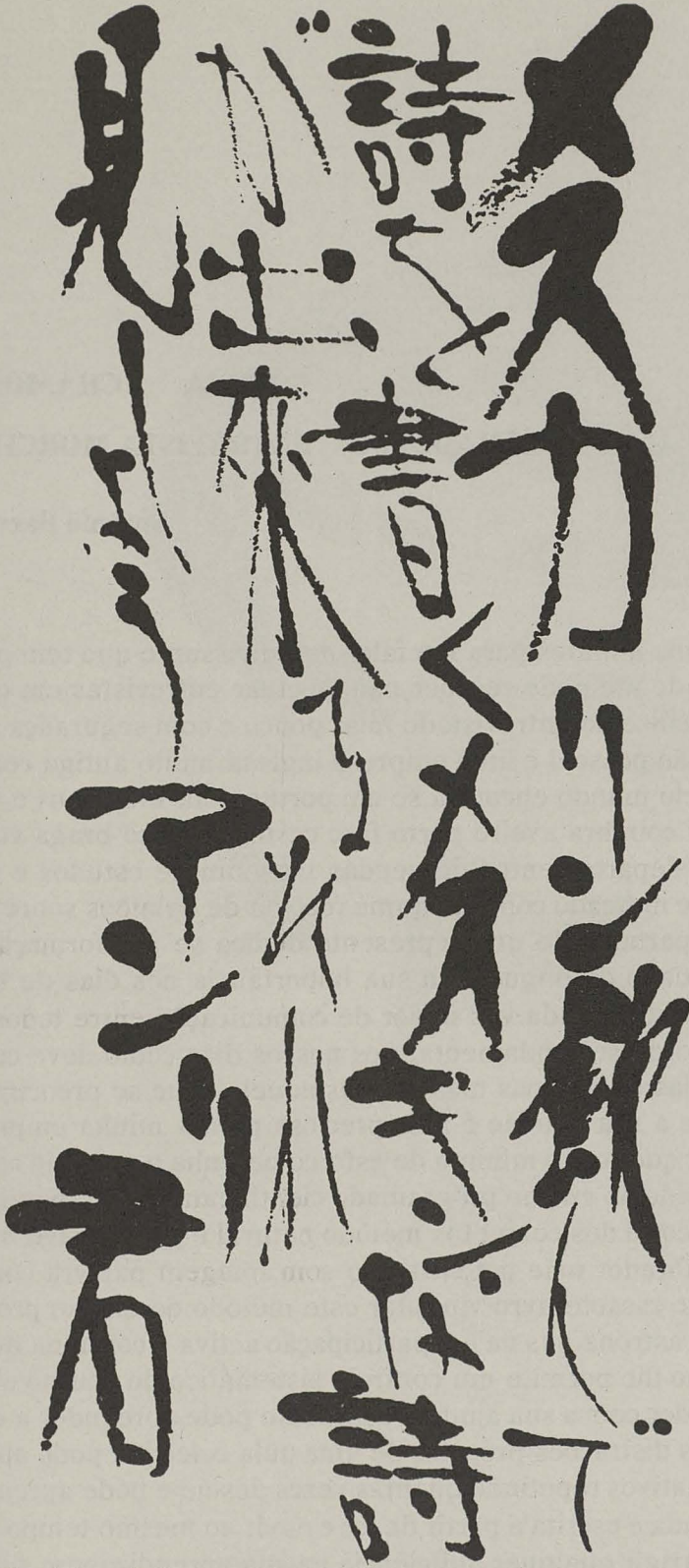
O céu está cinzento depois da chuva e o mar de um azul indefinível, entre verde claro e cinza, mas nos dias de sol tudo brilha até ao horizonte e sentimo-nos como no último reduto de um paraíso perdido e reencontrado, a que se junta agora para mim um gosto a nostalgia de uma plenitude que pertence a um outro tempo.

As noites de lua cheia são muito claras e recortam as silhuetas das rochas em poses inesperadas de estátuas solitárias no drama de uma eternidade dolorosa e petrificada. Neste cenário descobrimos uma afinidade secreta com a linguagem antiga dos ventos, dos mares, da luz, das estrelas. O espírito imerge num entorpecimento cálido ou numa suave exaltação e cede lugar ao elemento selvagem da nossa natureza que a cidade entorpece e devora. Mas é tão breve o encontro que não podemos senão guardar o eco da harmonia, do nosso espanto e do nosso encantamento.

Persigo as palavras, mas elas diluem-se em brilho, deslizam mansamente sobre a areia, ardem, confundem-se com a ondulação e o vento. O corpo na sua imobilidade expectante ausenta-se, surpreende-nos com os mesmos ritmos da água e do ar. E é apenas o vazio, o vazio pleno de cintilações, de abraços, de murmúrios, de sorrisos de sal e de carícias de sol.

A luz desenha as substâncias, o ar move-se silenciosamente, pleno de fulgurações de uma frágil poalha luminosa. O Alto atrai-nos como a profundidade dos oceanos e a vertiginosa obscuridade da terra. As palavras dançam, signos de terra, águas e folhagem. Olho-as livres e fascinadas pelo próprio fascínio. Ultrapassam-me, deixam as suas marcas em praias estrangeiras ao meu próprio espírito. Um dia hão-de florir, lançar as suas raízes e abrir no ar dourado folhas rubras e deslumbrantes. Singrarão como navios nas águas de um tempo verde. Aí inventarão oásis de perfume e claras primaveras.

As palavras ausentes, as mais belas. As palavras que amo e dormem esquecidas de si mesmas numa aurora subterrânea nimbada de uma claridade lunar. Espio o seu sono leve de criança assustada coberta dos véus brancos do esquecimento e da esperança. Terão o seu despertar e a música recebê-las-á nos seus braços líquidos e chamejantes, suaves e violentos de doçura aérea e sombria. Voando deixarão no céu um rasto de fogo, escrita fantástica, indecifrável a não ser pelas crianças, os poetas, os sonhadores que lerão nela a sua própria alma, a sabedoria das velhas tribus primitivas, os sonhos de toda uma humanidade já diluída em sombras e sempre nascente. Antigas cidades aladas e transparentes, plantas de uma vegetação submersa nos lagos



de histórias de faunos e duendes. Abraços sempre jovens dos amantes do poente. As palavras e o destino, as palavras e as coisas, inseparáveis, rivais e amantes. Para quando as núpcias entre a realidade e o sonho? Entretanto elas povoam os mágicos horizontes de um futuro maravilhoso.

Fragmento de uma carta sem fim, este diálogo com a minha alma, ao encontro dos outros, neste caso o poeta que me escuta e sei me compreende, num tempo de espera e de exaltação, um tempo preñado de esperanças e amargurado porque a incompletude lhe impõe limites a uma respiração funda e total. Para além da procura, o encontro mesmo da ausência povoada ou do trémulo, precário instante onde se recorta cintilante o perfil do possível absoluto.